



**UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE**

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Arqueologia e Antropologia

Licenciatura em Antropologia

Trabalho de Culminação de Estudos

Narrativas sobre máscaras mapiko na cidade de Maputo-Moçambique

Supervisora: Doutora Margarida Paulo

Candidata: Sheilagh Elizabeth Jemuce

Maputo, Outubro de 2022

Narrativas sobre máscaras mapiko na cidade de Maputo-Moçambique

Sheilagh Elizabeth Jemuce

Trabalho de Culminação de Estudo na modalidade de projecto de pesquisa apresentado em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais.

A Supervisora

O Presidente

O Oponente

Maputo, Outubro de 2022

Declaração de honra

Declaro por minha honra que o trabalho de licenciatura aqui apresentado é da minha autoria, e é fruto da minha dedicação e empenho individual, e os resultados obtidos fazem parte de um trabalho empírico original.

Sheilagh Elizabeth Jemuce

Dedicatória

Dedico esse trabalho a minha família Afonso e Jemuce que foram meus alicerces durante a minha formação, em especial a minha filha Malayka Thandiwe, que foi o motivo fundamental para que eu fizesse faculdade, a maior força veio dela, porque quando descobri que iria ser mãe cresceu a minha vontade de me formar.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter-me dado forças suficientes para conseguir chegar até aqui.

A minha supervisora Doutora Margarida Paulo, pelo suporte científico durante o processo de elaboração deste trabalho, e principalmente pela paciência, sem a qual nada do que alcancei seria possível; agradeço pelas palavras de força e encorajamento para concluir os meus estudos.

A todos os docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS), que me ajudaram indicando algumas obras para a elaboração do meu projecto de pesquisa, e sobre como elaborar um projeto de pesquisa.

A todas as pessoas entrevistadas que contribuíram com suas experiências úteis, que serviram para a recolha de dados necessários para minha pesquisa.

A turma de Antropologia (2017) que foram um incentivo para mim, em especial ao colega Inocêncio que me ensinou a digitar trabalhos, ao colega Etílio que me ajudou a aprimorar a elaboração de fichas de leitura e resumos.

Agradeço a minha mãe Celma Isabel Afonso, pelas palavras de força durante o meu percurso de estudante, pelas orações e para eu poder concluir o meu Trabalho de Culminação de Estudos (TCE) e cuidou de mim. Ao meu irmão Osvaldo Edgar Jemuce, que me ajudou tanto na parte financeira como em orações; a minha irmã Cindy Lindiwe Afonso que orava por mim. A minha tia Sarita Pinho e meu primo Hércules Moniz que auxiliaram nos meus estudos.

A todos/as que directa ou indirectamente contribuíram para o sucesso da minha formação.

Lista de abreviaturas

DAA Departamento de Arqueologia e Antropologia

FLCS Faculdade de Letras e Ciências Sociais

UEM Universidade Eduardo Mondlane

UNESCO Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura

Resumo

Este estudo tem como objectivo analisar as diferentes formas que a máscara de mapiko é vista e como foi mudando ao longo dos tempos. O trabalho baseou-se na pesquisa etnográfica usando as técnicas de observação participante e entrevistas semi-estruturadas. Os resultados da pesquisa mostraram que as máscaras eram usadas nas sociedades antigas, como um veículo de comunicação entre o mundo natural e sobrenatural. O mapiko tem a mesma utilidade, mas estas sofreram alterações ao longo dos anos. As máscaras são usadas num contexto de ritual, mas o seu uso como sendo um objecto representa e oculta a identidade do dos praticantes (bailarinos). O trabalho concluiu que várias as pessoas que usam a máscaras mapiko e dançam são do grupo étnico maconde, principalmente do género masculino, que passaram pelos ritos de iniciação *likumbi*. A máscara mapiko está sendo marcada por diversas transformações e é vista como representação do grupo étnico maconde.

Palavras-chave: Mascára mapiko, Cultura Xi-Maconde, Maputo-Moçambique.

Índice

Declaração de honra.....	III
Dedicatória.....	IV
Agradecimentos.....	V
Lista de abreviaturas.....	VI
Resumo.....	VII
Capítulo 1: Introdução.....	1
Objectivos do estudo.....	1
Justificativa.....	1
Estrutura do trabalho.....	1
Capítulo 2: Revisão de Literatura.....	3
A máscara e seus significados no mundo.....	3
A máscara na África.....	4
A máscara do mapiko.....	1
Definição de conceitos.....	2
Mapiko.....	2
Máscara.....	3
Dança.....	3
Capítulo 3: Metodologia.....	1
Constrangimentos.....	Error! Bookmark not defined.
Capítulo 4: resultados da pesquisa.....	3
Seleção dos adolescentes para os ritos de iniciação.....	3
Processo da cerimónia dos ritos de iniciação.....	5
Significados da máscara do mapiko.....	4
Formas de representação das máscaras.....	6
Relação entre os iniciados e o mapiko.....	9
Capítulo 5: considerações finais.....	11
Referência bibliográfica.....	1

Capítulo 1: Introdução

O presente estudo é um relatório de pesquisa realizado como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciatura em Antropologia, no Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS), da Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Neste trabalho, pretendemos pesquisar acerca das narrativas sobre máscaras mapiko no bairro militar na cidade de Maputo.

Segundo Kurtz (2014) o ser humano ao longo de sua existência adaptou-se para poder sobreviver, neste caso, a máscara trilhou um caminho semelhante ao se reinventar até hoje. As antigas sociedades utilizavam a máscara como um veículo de comunicação entre o mundo natural e o sobrenatural. Seu portador, através de uma cerimónia, concilia-se com as forças do bem. Animar uma máscara sagrada é ir além do irracional, é proporcionar à comunidade mutar o ambiente em que se insere. Mascarar-se é tornar-se outro, é a forma como as sociedades antigas dialogavam com o sagrado, e a partir deste conceito integravam no pensamento colectivo e individual, as normas, as mudanças, fomentando a passagem do real ao imaginário e vice-versa.

Quem contempla a máscara é submetido a uma torrente de concepções só por ela conhecida. Transmutação colectiva jamais dissociada de coreografia, figurino, dança e música, a máscara proporciona ao seu portador ser “animado” pelo espírito dotado de uma energia superior a sua. De madeira, papel, pano, metal, marfim, couro e dos mais diversificados materiais, a máscara suprime o rosto, criando um paradoxo do “esconder para revelar”, onde a energia sintonizada naquele estado de presença confere vida aos corpos extra quotidianos, suscitando através deste processo um elo de comunicação entre duas realidades: (visível e invisível) ao mesmo tempo que se caracteriza como polo de catarse colectiva (Kurtz 2014).

Objectivos do estudo

Geral:

- Compreender as narrativas sobre o uso das máscaras entre o grupo étnico Xi-Maconde.

Específicos:

- Identificar as pessoas que usam as máscaras de mapiko e os tipos de máscaras de mapiko;
- Descrever as implicações que existem para as pessoas que usam a máscara de mapiko, mesmo não tendo passado pelos rituais.
- Explicar o significado do uso da máscara mapiko depois de ter passado pelos ritos de iniciação.

Justificativa

A dança e as máscaras do mapiko é um assunto pouco explorado a nível académico e científico. Assim, esta pesquisa torna-se relevante porque ira contribuir para o debate sobre cultura material local permitindo registar a prática para futuros trabalhos. Além disso, o projecto contribuirá para a compreensão das razões que levam a considerar as máscaras do mapiko sob o ponto de vista do ritual mas não o uso das máscaras como sendo um objecto que que representa e oculta a identidade do dos praticantes (bailarino).

Alem disso, este tema é passível de ser analisado pela antropologia que com os seus instrumentos analíticos melhor se posiciona para explicar a compreensão que se tem das máscaras de mapiko, não só como uma máscara, mas o que acontece por detrás delas, qual é o objectivo e qual importância tem esta prática. Escolhi o tema porque achei curiosa a forma com que os bailarinos se organizam para poder entrar em cena, porque sempre escolhem um bailarino e não uma bailarina, mesmo tendo ou não passado pelos ritos de iniciação.

Estrutura do trabalho

O trabalho está organizado em cinco capítulos. Depois da introdução apresenta se os objetivos da pesquisa, justificativa. O segundo capítulo faz se a revisão de literatura. O terceiro capítulo os métodos, técnicas de recolha de dados, etapas da pesquisa, constrangimentos durante o trabalho de campo e os desafios durante o trabalho de campo. O quarto capítulo apresenta os resultados da pesquisa em seus subcapítulos nomeadamente: selecção dos adolescentes para os ritos de

iniciação, processo de cerimônia dos ritos de iniciação, significado das sinalizações, significados da máscara de mapiko, formas de representação das máscaras, relação entre os iniciados e o mapiko. O quinto e último capítulo apresenta as considerações finais.

Capítulo 2: Revisão de literatura

Nessa secção apresentamos os estudos feitos sobre a máscara e seus respectivos significados, trata-se de estudos no Brasil, Estados Unidos da América, África e Moçambique.

A máscara e seus significados no mundo

Segundo Canevacci (1990) vários são os significados que podem ser atribuídos à palavra máscara, confundindo-se, por vezes, com a função a ela atribuída. Como disfarce ou aparência enganadora; artefacto que representa um rosto ou parte dele; objecto que destina a cobrir o rosto ou disfarçar o rosto de quem o utiliza. Segundo Faitanin (2006) as máscaras na antiguidade, serviam nas representações artísticas e serviços religiosos para acentuar os traços de carácter das personagens/ deuses que representavam. A personagem representada pela máscara, o próprio actor que actuava, era propriamente atribuído o nome de persona.

Segundo Amaral (1991), a máscara promove um esvaziamento da interioridade, o actor cria sua imagem de modo que a significação da personagem para o público está nas situações que seu gestual define. A máscara representa sempre o geral, os tipos, nunca o particular. É um conglomerado de ideias e emoções, transcende a própria forma e revela uma realidade além do olhar, do indizível-invisível.

Segundo Vieira et al (2016) a representação da máscara não retrata o indivíduo na sua essência, mas o apresenta ao outro, e ao mundo. Esta máscara pode servir de defesa ou ataque, com a finalidade de evitar que o indivíduo seja invadido pelo mundo exterior. As representações impostas pelas máscaras carregam os seus valores socialmente estabelecidos e por meio do cargo, se impor e/ou se proteger. Neste espaço, supõe-se aceite temporariamente de um ponto de vista fictício, uma ilusão permitida. Ali o homem vive um personagem e se conduz como tal personagem. O uso simbólico de máscara permite identificar que toda actividade social é a representação de papéis nos quais as pessoas se conhecem e se reconhecem uns aos outros. A máscara passa a ser a própria identidade, ou seja, a percepção que se tem de si mesmo. O indivíduo constrói sua própria máscara e a torna verdadeira personagem que o identifica e que se traduz na construção de um estilo, a máscara que esconde a identidade e deixa mostrar aquilo que se pretende ser.

Para Gama (2005), o indivíduo na sua interação com o outro desenvolve mais do que um personagem, podendo o indivíduo encenar um papel conforme se apresente num contexto social. Ele tem vários personagens, não dispensando nenhum deles. Nesta situação o eu é estritamente social. É diante do outro, a partir das respostas do outro em relação a si mesmo, que o indivíduo se constitui. Na relação social com o outro, o indivíduo possui um conjunto de máscaras que utiliza conforme o tipo de público que se apresente em determinado momento. A interação social surge na relação de expectativas entre aquilo que o indivíduo pensa ser, aquilo que os outros esperam dele e aquilo que os outros pensam dele. A partir do momento que o indivíduo assume a imagem de si mesmo, que consegue mostrar a própria face, ele inicia um processo de aceitar-se.

Zamperetti (2010) afirma que existe uma relação entre a máscara e a identidade do indivíduo, por vezes a máscara oculta uma personalidade, fazendo uso de um personagem, outras vezes a máscara mostra uma personalidade oculta. A máscara é um objeto transformador de quem usa e de quem a faz. Ciampa (1984) diz que são os personagens que montam suas histórias, dentro de uma sociedade onde fazem parte as pessoas com quem se convive, ou seja, “somos autores e personagens ao mesmo tempo” moldamos quem somos ou quem gostaríamos de ser.

A máscara em África

Segundo Rodrigues (s/d) a arte africana representa os usos e costumes das tribos africanas. O objecto de arte é funcional e expressam muita sensibilidade. A presença da figura humana identifica a preocupação com os valores étnicos, morais e religiosos. Representando um disfarce para a incorporação dos espíritos e a possibilidade de adquirir forças mágicas, as máscaras têm um significado místico e importante na arte africana sendo usadas nos rituais e funerais. As máscaras são confeccionadas em barro, marfim, metais, mas o material mais utilizado é a madeira. Para estabelecer a purificação e a ligação com a entidade sagrada, são modeladas em segredo na selva.

Bevilacqua (2018) diz que na África às máscaras sintetizam valores e ideias. Assim, as máscaras podem reunir muitos elementos que mesclam aspectos animais e de seres humanos, resultando, em muitos casos, em uma representação híbrida. Em geral, há a inserção de algum elemento ou parte do animal com a intenção de incorporar simbolicamente na máscara o seu poder ou característica marcante. Assim como nas estatuetas, as representações humanas das máscaras não se baseiam nas características fenotípicas de alguém de forma específica.

Porta (2018) explica que as obras de arte africanas mais conhecidas e celebradas no Ocidente são as máscaras. O fascínio que as máscaras africanas provocam desde então nos faz indagar se a concepção de máscara compartilhada por muitos povos africanos é a mesma que a nossa. A máscara em muitas regiões da África é apenas um dos elementos que compõem a ideia de máscara. Segundo Mourão (1996) mais do que um objecto feito em madeira, a máscara engloba a ideia de totalidade, o que inclui o mascarado, os músicos e a audiência. Esse conjunto dá sentido à performance. Nas cerimónias envolvendo mascarados actualizam nos ritos os mitos, colaborando para a manutenção e coesão da comunidade. A ideia de movimento está presente não apenas durante a actuação do mascarado, mas também quando o escultor vai produzir o que chamamos de máscara.

Segundo Dos Santos (2020) A distribuição das cores, dos padrões geométricos e das formas na madeira é pensada de maneira a produzir um efeito visual impactante no momento da dança, colaborando para que a cerimónia seja bem-sucedida e cumpra a sua função, que pode estar relacionada à fertilidade da terra ou das mulheres, aos ritos funerários, ao simples entretenimento ou outros fins. Essa concepção particular de máscara nos ajuda a compreender por que na África muitas delas não são guardadas após as danças ou por que para muitos povos não faz sentido exhibir uma máscara numa vitrina de museu ou em uma exposição. O fato é que depois de retiradas de seus contextos, o que entende-se como máscaras ganha novos sentidos e significados, mas elas continuam sendo testemunhos materiais da riqueza artística de todo continente.

A máscara do mapiko

Lopes (2019) e Godinho (2011) dizem que a máscara de mapiko sofreu transformações, passou a se distanciar do ritual, teve aproximação e representações de performance, ou seja, o mapiko adaptou-se. Lopes (2019) diz que as mulheres começaram a usar as máscaras de mapiko quando foram aceites como soldados para lutarem na guerra ao lado dos homens, foi nessa época que as mulheres pela primeira vez dançaram o mapiko mas tinham as suas próprias máscaras "O lingundumbwe", mas nunca poderiam saber os segredos das máscaras masculinas.

Dias (1972) e Salát (2018) têm ideias distintas sobre o uso das máscaras de mapiko para o género feminino. Dias (1972) explica que as mulheres não podem aprender o mapiko porque só os do género masculino e que passaram pelos ritos de iniciação "*likumbi*" é que podem usá-las. Enquanto Salát (idem) sustenta que as máscaras tem um símbolo feminino principalmente as mais antigas, representam mulheres.

Israel (2014) diz que mapiko é considerado um complexo de crenças e de actividades que são feitas nos ritos de iniciação masculina, fazendo com que a vida social e cultural dos adolescentes seja equilibrada. Ao longo dos anos a máscara de mapiko sofre transformações e diz ainda que no final do século XIX às máscaras mapiko estavam ligadas à representação da alteridade. Roseiro (2013) diz que os rapazes participam do rito de iniciação "*likumbi*", e depois desse rito é que podem usar as máscaras e saber os segredos por detrás do mapiko, durante essa cerimónia os rapazes devem enfrentar o chipito que é o exame final para conhecerem o segredo do mapiko. Não só os rapazes passam por um rito de iniciação para poderem usar as máscaras, as raparigas também devem passar pelo "*mwali wa n'gande*" para usarem o lingundumbwe.

Lopes (2019) explica que geralmente o mapiko era realizado em iniciação masculina mas seus segredos nunca foram revelados para as mulheres. Em contrapartida, Salát (2018) diz que as máscaras não eram tão secretas, eram vistas como interpretações erradas, usadas no ocidente e assim acabaram por perder a identidade maconde. Autores como Salát (2018) e Roseiro (2013) dizem que as máscaras maconde de Moçambique distinguem-se das actuais de Tanzânia.

Tendo em conta que a teoria constitui um discurso sistemático, através do qual apreende-se e explica-se a realidade circundante, assim, para analisar o tema proposto nesta pesquisa “*Narrativas sobre máscaras mapiko na cidade de Maputo, Moçambique*” usarei a teoria de construção social e cultural humana, desenvolvida por Kenneth Gergen (1985) segundo a qual o conhecimento é uma construção social e cultural através da interacção social, na medida em que se apropria das construções culturais do seu grupo. Portanto, as “máscaras do mapiko” é um dos processos através dos quais esta apropriação é feita. Ela é instrumento de constituição do sujeito, uma que cria oportunidade ao indivíduo internalizar a cultura e se constituir enquanto ser humano.

A escolha da teoria de construção social e cultural humana deve-se pelo facto desta procura dar conta das construções que os indivíduos elaboram colectivamente, O social, do ponto de vista do sujeito, e de uma experiência subjectiva. Além disso, nesta teoria o conhecimento não é uma representação da realidade, um mapeamento das acções e operações conceituais que provaram ser viáveis na experiência do indivíduo.

Definição de conceitos

Nesta pesquisa usaremos conceitos pelos quais nos farão compreender as narrativas construídas sobre máscaras mapiko: na cidade de Maputo, Moçambique. Entretanto nos apropriaremos nos seguintes conceitos: mapiko, máscara e dança.

Mapiko

Rhormens (2013) conceitua o mapiko como uma dança tradicional de Moçambique realizada pelo povo maconde. Entretanto para este autor, o mapiko é o nome dado a dança e as máscaras utilizadas. Ao ritmo da percussão e de cantos tradicionais, o mipiko (performar mascarado) incorpora os espíritos de antepassados e expressa a sua visão da vida e da sociedade.

Para Lopes (2016) o mapiko consiste em mistura de dança, teatro e música que revela relações sociais com a dramaticidade que o mascarado expõe suas coreografias e máscaras, e traz à tona o sagrado com a sua ligação ao mundo espiritual. Para esta autora, o mapiko é elemento da identidade cultural do povo maconde, e veículo da cultura onde se perpetuam experiências

passadas e situações quotidianas. Porém, os artistas macondes que fazem parte do mapiko (escultores, cantores, músicos, dançarinos) são responsáveis pela preservação e transmissão da tradição.

Máscara

Dos Santos (2020) explica que em latim, máscara significa “persona”, definição fundamental para o desenvolvimento do teatro onde se representavam tragédias e comédias gregas. Na Grécia antiga o rosto e máscara eram designados pela mesma expressão “to prosopon” (aquele diante dos meus olhos). No teatro grego as máscaras possuem uma função central, representando personagens e os seus sentimentos, comunicando ao público as diferentes facetas da realidade que é abordada no texto dramático. No antigo Egipto, as máscaras eram utilizadas em rituais fúnebres. As máscaras tinham as feições das pessoas mortas tendo como função a ligação do morto com o espírito do mundo, para além de honrar o defunto. Na concepção moderna de máscara é uma metáfora do exterior que serve para ocultar o verdadeiro eu interior. Nas sociedades contemporâneas as máscaras estão intimamente relacionadas com festas religiosas ou de origem pagã, especialmente em relação a bailes e cortejos de carnaval. Portanto, ao longo dos tempos as máscaras têm vindo a adquirir várias funções.

Dacosta (1997) diz que o estudo tradicional da máscara define-a comumente como um objecto concreto que, de algum modo, se sobrepõe a algo que, mercê dessa acção, fica temporariamente camuflado. Entretanto, estudos recentes como Burger (1998) define a máscara como papel social ou aspecto da personalidade que figura algo ou símbolo.

Melo (2011) define a máscara como um artefacto que reage a um estímulo através de cópia, ou mecanismos próximos da cópia, desse mesmo estímulo, ao mesmo tempo que multiplica o portador da mesma máscara.

Dança

Duncan (1996) entende a dança como o êxtase Dionisíaco que arrasta tudo. Para ela, a “dança não era só a arte que exprime a alma humana através do movimento, mas o fundamento de uma concepção completa de vida, mais livre mais harmoniosa, mais natural.

Para Garaudy (1974) a dança é um ritual social e sagrado. Para este autor a dança tem dupla significação que está na origem de toda actividade humana. A dança é uma das raras actividades humanas, em que o homem se encontra totalmente engajado: corpo espírito e coração.

Capítulo 3: Metodologia

Este trabalho foi baseado na pesquisa etnográfica usando as técnicas de observação participante e entrevistas semi-estruturadas. Com a combinação desses procedimentos metodológicos, será possível compreender as narrativas sobre o uso das máscaras mapiko em Moçambique, particularmente na cidade de Maputo. Para compreender o fenómeno proposto neste trabalho usarei como técnicas as entrevistas semi-estruturadas, conversas informais e pesquisa bibliográfica e documental.

As entrevistas semi-estruturadas permitiram captar atitudes, motivações, opiniões e estabelecer uma relação aberta, através da quais aspectos relevantes que forem sugeridos; permitirão colocar outras questões que forem a surgir no decorrer da pesquisa. Também facilitarão colocar questões que possibilitem esclarecer aspectos que se tornarem menos claros ao longo da observação.

As entrevistas decorreram nas residentes dos entrevistados sobre as pessoas que usam as máscaras mapiko, os tipos de máscaras mapiko que existem; os significados do uso da máscara mapiko, como exercem as actividades e outros aspectos que os entrevistados partilharam sobre o seu dia a dia.

A pesquisa bibliográfica e documental permitiu recolher dados sobre o assunto em análise e as investigações anteriores e actuais sobre a temática. Trata-se de publicações extraídas no acervo digital da Biblioteca Central Brazão Mazula da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), e no Google académico como livros, artigos científicos, monografias, dissertações e teses, jornais e entre outros.

Os dados recolhidos foram registados no bloco de notas, e posteriormente digitados também, usei o telemóvel para marcar encontros com os nossos participantes e blocos de notas para o registo dos dados recolhidos. O uso de blocos de notas nos permitiu registar as conversas e as entrevistas tidas com os participantes no campo, e o material dos aspectos que forem possíveis de observar durante a nossa estadia no campo. A combinação destas técnicas de recolha de dados nos permitiu recolher experiências sobre os participantes

Constrangimentos

Neste trabalho os constrangimentos que achamos que limitou a nossa pesquisa é a integração no seio dos moradores devido a desconfiança, os entrevistados pareciam fechar-se. Para superar este constrangimento, pedimos as estruturas do bairro para que nos apresentem se necessário diante dos moradores daquele bairro e também explicaremos o principal objectivo da nossa pesquisa e sempre traremos uma cópia da credencial apresentada às estruturas comunitária do bairro.

Outro constrangimento é a questão linguística, uma vez que vários moradores do Bairro Militar ter escolhido maioritariamente do grupo étnico Xi-Maconde. Para superar este constrangimento, procurarei uma pessoa conhecida com conhecimentos sólidos das línguas predominantes para a tradução ao longo do trabalho de campo e na transcrição das entrevistas.

Capítulo 4: resultados da pesquisa

Neste capítulo apresentamos os resultados da pesquisa relativa às narrativas sobre máscaras mapiko no bairro Militar na cidade de Maputo, Moçambique. O capítulo está organizado em seis subcapítulos; o primeiro subcapítulo analisa a relação existente entre homem, mulher e máscara; o segundo explora o impacto da migração dos macondes para Maputo; o terceiro subcapítulo discute os significados das sinalizações nos iniciados; o quarto subcapítulo aborda as sinalizações nos iniciados; o quinto subcapítulo explica a forma de representação das máscaras, e por último, o sexto examina a organização dos ritos de iniciação. Prosseguiremos com a análise do primeiro subcapítulo.

Homem, Mulher e Máscara

No que se refere homem, mulher e máscara vários autores discutem em termos teóricos e políticos (Grant,1998; Riviere (2005) sublinhando que é possível observar na vida quotidiana a máscara da feminilidade tomar formas curiosas. Uma competente dona de casa é mulher de grande habilidade e capaz de desempenhar tarefas tipicamente masculinas.

Segundo Riviere (2005), A concepção da feminilidade com uma máscara, sob a qual o homem suspeita haver algum perigo oculto, joga um pouco de luz sobre um enigma que a muito vem se discutindo. Para Grant (1998) a literatura analítica e, mais especificamente, aquela influenciada pelo ensino lacaniano, não para de mostrar que as considerações anatómicas não são índices para falar da diferença de identidade entre homens e mulheres. Aquilo que vai responder à questão do "que é um homem", bem como do "que é uma mulher", isto é, à diferença de sexos, é algo que está para além da materialidade. O factor preponderante que determinará a questão da diferença será o resultado de umas leituras que em certas condições sociais, podem proceder.

A fusão da relação entre o homem, a mulher e a máscara são práticas que ocorrem um pouco por todo o mundo, se não país, cada um com contornos diferentes, mas sobre a questão de porque a mulher não puder usar a máscara mapiko. O Mestre 1, de 38 anos de idade, explicou:

Existe um ritual que deve ser cumprido pelos macondes em que a mulher não pode participar mesmo ela sendo maconde. É algo que veio sendo feito desde os nossos antepassados e se nós mudarmos correremos o risco de sofrer as consequências.

O Mestre 1 mostrou que o motivo que leva as mulheres a não colocarem as máscaras do mapiko é essencialmente tradição que os praticantes vêm buscando desde os seus antepassados. Além disso, o Mestre revela que existe uma certa crença em relação a prática que não pode ser quebrada, com o medo de arcar consequências. Rodrigues (1997) entende que se os ideais tradicionais deixassem de existir, deixariam também de ter sentido a afirmação da modernidade, na medida em que esta se define como ruptura para com eles. O Mestre 2, de 42 anos de idade, contou:

Só o homem é quem deve usar a máscara e só quem passa pelos ritos é que usa. Durante o tempo que a pessoa está com a máscara ninguém pode encostá-lo, pode-se dar que o bailarino não estava em condições e podia se dar o caso de desmaiar ali, por ser uma questão espiritual, sendo que para se usar a máscara passam por um ritual, ao tirar a máscara devem passar por um outro tipo de ritual, ou seja, pode não ser o caso das mulheres não usarem a máscara por questões de peso mas pode ser por questões espirituais.

O Mestre 2 revelou que além de ser homem, a pessoa que porta a máscara deve ser alguém que passou pelos ritos de iniciação. Além disso, durante a actuação e durante o porte da máscara, deve-se ao máximo evitar contacto com outros, a máscara representa a ligação do mundo espiritual do grupo.

Este subcapítulo analisou as relações entre homem, mulher e máscara e o subcapítulo revelou que motivo que leva as mulheres a não colocarem as máscara do mapico é essencialmente a tradição que os praticantes vêm buscando desde os seus antepassados. Além de ser homem, a pessoa que porta a máscara deve ser alguém que passou pelos ritos de iniciação. Ademais, a pessoa que porta a máscara não pode ser tocada durante a actuação e durante o porte da máscara, deve-se ao máximo evitar contacto com outros.

Impacto da migração dos macondes para Maputo

Relativamente ao impacto da migração dos macondes para Maputo. O Mestre 3, de 43 anos de idade, contou:

Não é fácil lidar com a realidade que existe apesar de estarmos num bairro em que a maioria de nós são macondes mas não é a mesma coisa. Nós crescemos a conviver com aquelas formas de viver e fazemos tudo para manter nossos filhos mais próximos da cultura maconde para que a não percam sua identidade, suas raízes por causa da convivência da cidade grande.

O Mestre 3 mostrou que a migração dos macondes para Maputo despertou-os que devem manter seus hábitos ainda intactos e para tal mantiveram o máximo que podem os hábitos carregados da sua terra natal. Ademais, o Mestre 3 revela ainda que a transmissão da herança cultural é passada para os filhos para que a mesma não seja esquecida pela dinâmica que as cidades apresentam. Loforte (1993) na reflexão que faz sobre a preservação dos valores tradicionais no meio urbano explica que o culto aos antepassados constitui uma das feições realizadas em ocasiões de alegria ou tristeza, os casamentos seguem regras pré-estabelecidas e que todo o sistema de valores, atitudes e comportamentos que integram a sociedade é transmitido de geração em geração que por meio de rituais de passagem, de forma graduativa vão difundindo-se a importância do culto aos ancestrais e isso ao irem para as cidades todos esses preceitos acima mencionados vão consigo.

O Mestre 4, de 46 anos de idade, afirmou:

Podes notar no dia do festival, os ritos de iniciação, os bailarinos se apresentavam usando a máscara mapico, os moradores do bairro militar organizam um cenário diferente, os bailarinos saiam de um casa por trás, não dava para ver exactamente aonde, proibimos a entrada de outras pessoas a não ser dos mestres ou dos músicos que vão a actuar.

O mestre 4 revelou que todo o cenário que os macondes praticam, faz parte dos seus hábitos. A maneira de agir é recriada a partir dos costumes antes trazidos pelos seus antepassados. O mestre revelou ainda que os ritos de iniciação são a pratica mais comum de ser feita pelos macondes.

O Mestre 4, de 46 anos de idade, afirmou:

Eu, faço a selecção dos que são bons, ao longo do percurso dos rituais, por isso no dia que deve haver actuações sei quem estará preparado para dançar. Os que passaram pelo rito usam a máscara como símbolo cultural dos macondes. Mas para dançar é feita uma selecção.

O Mestre 4 revelou que durante o processo de realização do ritual, existe uma selecção feita para alegrar o dia da cerimónia de saída. O Mestre 4 revelou ainda que essa prática é uma forma simbólica em que os representantes devem ser seleccionados, quer dizer, não basta estar nos ritos de iniciação, tem que ter habilidades. O Mestre 5, de 38 anos de idade, referiu:

Não obriga-se a ninguém a dançar o mapiko. Para evitar desordem, no processo de selecção, existem alguns aspectos que devem ser seguidos para que a mesma seja feita. Existem procedimentos na qual os iniciandos devem reunir, devem ser pessoas astutas e disciplinadas.

O Mestre 5 revelou que no processo dos rituais os iniciando não são obrigados a dançarem o mapiko, apesar de conhecer a dança. Os iniciandos aprendem porque faz parte do processo e nesse processo as inclinações do iniciando são variados. O Mestre 5 revelou também que a condição sine-quo-non para que os iniciandos façam parte do grupo seleccionado para alegrar o dia da festa, é ser comportado, ou seja, não ser indisciplinado. O Mestre 6, de 36 anos de idade, contou:

Quando os rapazes e as raparigas voltam dos ritos as meninas, no dia seguinte vão a praia e os rapazes reúnem-se para organizarem a entrada para o término do festival. As meninas entraram primeiro no meio de uma roda e dançam a música ao som dos batuques, com vestidos gala, depois elas saíram e entraram os rapazes e dançaram também mas não era mapiko.

O Mestre 6 mostrou que a saída dos ritos de iniciação, existe uma cerimónia exercida na praia, onde são organizados os iniciados para a entrada do festival com danças e canções ao som do batuque. O Mestre 6 revelou ainda que a prática dessa entrada é feita mediante uma ordem, primeiro as damas. O Mestre 7, de 33 anos de idade, referiu:

Alguns rapazes foram seleccionados para fazer actuação do mapiko, porque não são todos que têm o dom de dançar, alguns estão mais inclinados para a dança. Todos aprendem mas nem todos são aplicados, para dançar o mapiko tem que se ter dom.

O Mestre 7 afirmou que as pessoas que dançam vão de acordo com a selecção feita no acto no período de confinamento na cabana, assim como revelou o mestre 4 que durante o processo de realização do ritual, existe uma selecção feita para alegrar o dia da cerimónia de saída. O Mestre 8, de 49 anos de idade, explicou:

Aqueles que dançam o mapiko nas proximidades fazem parte da cerimónia, mas não são iniciados, são bailarinos mais experientes, os iniciados aprenderem a dança e poderiam usar as máscaras, mas no dia da festa eles estavam a ser praticamente graduados, dançavam em conjunto com os outros iniciados.

O Mestre 8 revelou que para além dos iniciados existem outros que fazem parte da cerimónia. Trata-se de pessoas que já passaram antes pelos ritos de iniciação e que são mais experientes no processo, estes fazem parte da cerimónia, mas existem arenas onde não podem chegar (dançar no meio do círculo).

Este subcapítulo analisou o impacto da migração dos macondes para Maputo e revelou que a migração, despertou-os que devem manter seus hábitos ainda intactos e para tal mantiveram o máximo que podem os hábitos carregados da sua terra natal. A transmissão da herança cultural é passada para os filhos para que a mesma não seja esquecida pela dinâmica que as cidades apresentam. A maneira de agir é recriada a partir dos costumes antes trazidos pelos seus antepassados e os ritos de iniciação são a prática mais comum de ser feita pelos macondes.

Revelou ainda que processo cerimonial durante o período dos ritos de iniciação e revelou que os ritos de iniciação são feitos nas cabanas e dura um mês e meio. Depois de cumprido esse período, é feita uma cerimónia de boas vindas dos jovens e raparigas que pelo período mencionado, regressam novamente as suas famílias. A recepção é feita com danças de variados tipos e fazem parte não só os membros da família, mas também outros membros que, tempos antes, passaram pelo mesmo ritual.

Significados das sinalizações nos iniciados

Relativamente as sinalizações nos iniciados há uma dificuldade em encontrar o conceito que se aplique a este contexto. Portanto, os agentes dos ritos conferem aos iniciáticos marcas sociais que são as expectativas dos agentes operadores dos ritos, isto é, papéis de género, identidade corporal fisiológica e marcas identitárias de grupo. Neste caso, o mestre 9, de 38 anos de idade, sublinhou:

Durante os ritos de iniciação dos rapazes, os seus mentores devem garantir que durante a sua estadia no local eles não podem fazer relações sexuais e nem a mãe deles porque quando acontece a cerimónia final, o tal festival eles tem um método que usa-se para verificar se realmente cumpriram com todas as regras. Os sinais são colocados pelo mentor dos ritos de iniciação. Fazemos a sinalização com óleo de rícino para identificar os iniciados, os que passaram pelo ritual likumbe.

O Mestre 9 mostrou que durante a estadia em isolamento na cabana, os envolvidos no processo, assim como os encarregados dos iniciados, estão sujeitos a cumprir uma série de regras impostas pelo sistema cultural. Assim, existe uma forma a qual usam para verificar o cumprimento das mesmas. O Mestre 10, de 42 anos de idade, afirmou:

Durante o festival, o mestre reuni os rapazes e coloca óleo de rícino na testa deles, se o óleo escorre direito eles não mantiveram relações sexuais e nem a mãe deles, mas se o óleo passa de lado significa que a mãe ou o rapaz tiveram relações sexuais nesse tempo e o rapaz deve ser punido por isso.

O Mestre 10 mostrou que o método usado visa descobrir quem transgrediu as regras e no caso de existir um indivíduo que tenha transgredido, é submetido a uma punição que serve de exemplo para outras gerações. Rhomes (2003), explica que o mapiko hoje em dia tornou se uma forma de arte, nem todos seguem algumas regras, actualmente os Marcondes olham o mascarado como um homem em desempenho competitivo. O Mestre 11, de 40 anos de idade, contou:

Nem todos passam por isso, existem aqueles que não são macondes e que querem passar pelos rituais, esses tem outro tipo de tratamento. Na cabana com o mestre eles fazem o que devem fazer para passar pelo ritual likumbe. Mas quanto a cerimónia nem todos participam dessa prova com óleo de rícino, mas nesse caso eles não podem ter filhos antes dos rituais.

O Mestre 11 referiu que nem todos que participam dos ritos de iniciação são do grupo étnico maconde, neste sentido, as cerimónias e os métodos punitivos usados não são aplicados a indivíduos que não pertencem ao grupo. Existe outro tratamento aplicado e um deles mencionados é tornar-se mãe ou pai antes dos ritos de iniciação. Ainda sobre os métodos punitivos o Mestre 12, de 41 anos de idade, revelou:

O mestre que acompanha os rapazes não posso identificar, mas tem um auxiliar, falo na íntegra como funcionam isso é segredo dos macondes e não posso relevar, nem para minha esposa que não é maconde não a conto. Só posso-te garantir que esses métodos funcionam e vem sendo aplicados a um bom tempo.

O Mestre 12 mostrou que as aplicabilidades dos métodos de controlo das regras dos ritos de iniciação são eficazes e funcionam. Essas regras vêm sendo aplicadas desde os tempos antigos como revelou o mestre. Lopes (2016), explica que o mapiko consiste numa mistura de dança, teatro e música e com isso trás à tona o sagrado com a ligação ao mundo espiritual, para Lopes o mapiko é elemento fundamental para a identidade cultural do povo maconde e ligação com a cultura onde existem experiências passadas e situações diárias, então os escultores músicos, cantores e bailarinos são responsáveis pela preservação e transmissão da tradição.

Este subcapítulo analisou as sinalizações nos iniciados e revelou que os envolvidos no processo de ritos de iniciação estão sujeitos a cumprir uma série de regras impostas pelo sistema cultural. O subcapítulo revelou a existência de métodos usados para descobrir os transgressores e caso tenha são punidos dependendo de cada situação, uma vez que nem todos que participam dos ritos de iniciação são do grupo étnico maconde, o que faz as cerimónias e os métodos punitivos usados serem aplicados de forma generalizada.

Significados da máscara do mapiko

Os Mestres dos ritos de iniciação aos quais entrevistei no bairro militar da cidade de Maputo associam a máscara do mapiko a um poder cultural, social e simbólico. A máscara mapiko representa a identidade cultural dos macondes. No que se refere ao significado da máscara mapiko. O Mestre 12, de 41 anos de idade, explicou:

É um pouco complicado explicar-te isso. Essas respostas só têm quem passou pelos ritos de iniciação, mas não significa que desconheço totalmente, eu tenho respostas triviais. Uma das formas de entender os ritos é entrar e participar, principalmente a masculina, porque se fosse um homem a fazer o estudo tinha que passar pelos ritos ou conviver esses meses mas eu sendo mulher, existem questões que não posso responder. As máscaras estão ligadas a uma tradição muito espiritual e é muito masculina, porque a questão de mapiko não é só uma questão cultural, é uma questão espiritual.

O Mestre 12 revelou que a máscara exerce um poder social e simbólico dos agentes tradicionais da circuncisão. O Mestre revelou que os mesmos significados estão ligados a questões de masculinidade, ou seja, como o mapiko muita das vezes praticados por homens, o significado da máscara é, neste caso associado a masculinidade. Para Israel (2014), é sim uma questão de masculinidade, porque é considerada um complexo de crenças e de actividades que são feitas somente nos ritos de iniciação masculina. O Mestre 11, de 40 anos de idade, revelou:

A madeira própria para fazer as máscaras do mapiko chama-se ntene/intene porque é muito fácil usar com faca, principalmente quando está molhada. E quando seca fica dura como capacete. A máscara maconde é a única no mundo que cobre toda cabeça, a máscara deve ser leve para ser de fácil utilização, e se a máscara for pesada, ninguém dança.

O Mestre 11 revelou que o nome da madeira que é feita a máscara provém da facilidade que a mesma apresenta, quer dizer, no fabrico das máscaras. Ele revelou também a exclusividade que a máscara tem, segundo o depoimento do mestre a máscara maconde é única do mundo. Segundo Rodrigues (S/d), as máscaras são confeccionadas em barro, marfim, metais, mas o material mais

usado é a madeira, para estabelecer a purificação e a ligação com a entidade sagrada. O Mestre 10, de 42 anos de idade, afirmou:

Esta máscara tem este formato porque é uma questão espiritual, não é para ser identificado quem está por detrás da máscara, por isso chamamos de lioka/lioca. Não é para ninguém saber, principalmente as mulheres ou os homens que não passaram pelos ritos de iniciação não podem saber se é pessoa ou não é pessoa olipiko. Não tem cor específica para as máscaras de mapiko, quando fazem as máscaras normalmente é ilustração da cara de uma pessoa conhecida ou de um animal. O tamanho da máscara em norma é de 55 à 60 centímetros, mas pode chegar a 62 centímetros.

O Mestre 11 revelou que os modelos da construção da máscara estão inteiramente ligadas a questões culturais, é uma forma de ocultar a identidade da pessoa que está por detrás das máscaras. Ele revelou também que os tamanhos e as cores variam, desde que caiba em uma pessoa. Canevacci (1990), diz que são vários os significados que são atribuídos a máscara, com a função de disfarce ou aparência enganadora, artefacto que representa um rosto ou parte dele. O Mestre 12 de 41 anos sublinhou que:

As mulheres não podem usar as máscaras, mas existem casos em que as mulheres usam as máscaras mas as tais máscaras são menos pesadas e com material diferente, apesar de ser algo incomum, porque na tradição maconde as mulheres só podem cantar e tocar instrumentos mas se quiserem dançar ou actuar devem ser sem a máscara mapico.

O mestre 12 revelou que existem próprias máscaras para as mulheres, mas estas não são as máscaras do mapico. Ademais, revelou que as mulheres tocam mais instrumentos e cantam e fazem esta actividade sem o uso da máscara do mapico.

Este subcapítulo explorou os significados da máscara mapiko, e revelou que a máscara exerce um poder social e simbólico dos agentes tradicionais da circuncisão e os mesmos significados são associados a masculinidade. O subcapítulo sublinhou também que o nome da madeira provem da facilidade que a mesma apresenta para o fabrico das máscaras e os modelos da construção da máscara estão inteiramente ligadas a questões culturais. Em relação a forma de uso

das máscaras do mapico pelas mulheres, existem máscaras próprias, mas estas não são as máscaras do mapico. As mulheres são incumbidas de tocar instrumentos e cantar.

Formas de representação das máscaras

As máscaras são usadas para transmitir mensagens a comunidade e por isso representam algum aspecto ligado ao que se precisa transmitir. No que diz respeito as formas de representação das máscaras o Professor 1, de 40 anos de idade, referiu:

Sempre fui apaixonado pela dança e sempre apreciei mapiko, já viajei pelo mundo e por lá vi várias pessoas a dançarem mapiko. Eu acho que não só os que passaram pelo ritual praticado pelos macondes é que deveriam usar as máscaras, porque hoje em dia quem ama dançar, pode tudo e todos os ritmos possíveis.

O Professor 1 revelou ser alguém que estima dançar e encantou-se pelo mapiko. Portanto, acredita que esta dança deve ser praticada por todos aqueles que tem paixão pela dança, os rituais não podem determinar o estilo que a pessoa pratica. Roseiro (2013), sublinha que os rapazes participam do ritual *likumbi* só depois do ritual é que se pode usar a máscara. Então quem quiser dançar ou usar a máscara deve passar pelo ritual. Neste sentido, o Professor 2, de 38 anos de idade, afirmou:

Existem pessoas que não passaram pelo ritual likumbe, usam as máscaras e até dançam mapiko, mas essas “tais” máscaras não são máscaras macondes, mas sim imitações. As próprias máscaras macondes são esculpidas com material especial feita pelos próprios macondes. Porque essas máscaras têm significado para a cultura maconde e não é algo que deve se usar por usar.

O Professor 2 revelou que as máscaras macondes são atribuídas significados e sentidos diferentes das outras máscaras. O Professor 2 revelou a existência de existirem imitações das máscaras macondes, portanto, por isso a existência de pessoas que não passam pelo ritual usam e dançam mapiko. Portanto, o professor 3, de 40 anos de idade, afirmou:

Segundo a tradição dos macondes, as mulheres não podem dançar nem usar as máscaras, elas limitam-se a cantar e também podem tocar. Mas existem algumas máscaras femininas para representar a parte feminina no mapiko. Isso para não as deixar de fora, sendo que elas não podem dançar nem usar as máscaras mapiko.

O Professor 3 mostrou que entre os macondes as mulheres não usam as máscaras mapiko, existe outro tipo de máscara destinada as mulheres para participar na dança. Quer dizer que a mulher participa na dança, mas com um outro tipo de máscara e não a máscara mapiko. Dias (1972) e Salát (2018), afirmam que têm ideias diferentes sobre o uso das máscaras de mapiko para o género feminino, Dias (1972), explica que as mulheres não podem usar a máscara de mapiko enquanto Salát (2018), diz que as máscaras tem um símbolo feminino principalmente as mais antigas pois representam as mulheres. O Professor 4, de 39 anos de idade, explicou:

Na dança mapiko, os bailarinos antes de entrarem eles são preparados com pessoas que são encarregues para isso só, não pode ser qualquer pessoa a tocar e nem falar com os bailarinos. Existe muito mistério por detrás das máscaras, alguns até podem invocar espíritos, por isso tem pessoas indicadas para isso.

O Professor 4 revela que todo processo de preparação até a actuação, existem pessoas responsáveis que devem interagir com os bailarinos. Todo o processo da dança são construídas categorias, crenças, normas que procuram dar significado aos bailarinos assim como a dança.

Na mesma linha de pensamento o Professor 1, de 40 anos de idade contou:

Nas actuações, existem vários aspectos envolvidos, por isso temos que ter alguém que nos de assistência. O peso da mascara cria cansaço, não é fácil dançar com a máscara pesa muito e para falar é difícil porque a máscara fica por cima da cabeça a pessoa só vê e respira pela bola da máscara, por isso evita contacto, só quando necessário.

O Professor 1 explicou que nas actuações são necessários assistentes, pois, pela forma, estrutura e peso da mascara faz com que haja necessidade de assistência. Nesta mesma questão, o Professor 4, de 39 anos de idade, enfatizou:

Se um bailarino, naquelas circunstâncias é pegue de qualquer maneira, pode passar mal. Porque sendo um dia de cerimónia de ritos de iniciação, os bailarinos foram preparados pelos mestres e antes de entrarem para fazerem a actuação, foram feitos cerimónias.

O Professor 1 e 3 revelam existir diferentes concepções sobre o uso da máscara pelos bailarinos. Os professores atribuem o não toque dos bailarinos da dança mapiko, à questões espirituais. Deste modo, acredita-se que os aspectos físicos no exercício da dança e a máscara de certa forma criam um certo desgaste que justifica ao não contacto. De acordo com Kurtz (2014), o ser humano ao longo do tempo adaptou se para sobreviver, usava se a máscara como um portal para o mundo natural e o sobrenatural. Então o seu portador usava através de uma cerimônia por isso não é aconselhável tocar no bailarino enquanto usou a máscara.

Em resumo, este subcapítulo analisou as formas de representação das máscaras, o subtítulo revelou a existência de uma forma no que diz respeito a quem deve usar a máscara e não deve. O subcapítulo revelou que ritual, o sexo e a originalidade são usados como a condição sine-quo-non para representar as máscaras mapiko.

Relação entre os iniciados e o mapiko

Este subcapítulo analisa a relação que se estabelece entre os iniciados e a dança mapiko. No referente a este tópico. O Mestre 7, de 33 anos de idade, contou:

A máscara de mapiko representa a cultura dos macondes, vivemos no bairro militar e quando há festivais ou cerimónias fazemos sempre questão de incluir o mapiko para nos sentirmos perto de casa, da nossa cultura. Mesmo sem grandes festivais, fazemos convívios e contratamos alguns músicos e bailarinos para alegrar a festa.

O Mestre 7 revelou que a máscara representa a identidade cultural dos macondes e por isso nos períodos festivos, faz-se necessário a contemplação dos hábitos, neste caso, a máscara, a dança e os ritos de iniciação fazem parte desta identidade cultural dos macondes. Ferreira (1975), explica que a máscara representa identidade maconde, mas também em outros cantos do país e do mundo. Portanto, o mestre 4, de 46 anos de idade, referiu:

Por norma dura as cerimónias dos ritos de iniciação dura três dias, o primeiro dia as famílias de reúnem, fazem questão de estarem só familiares, até nesse dia é proibido tirar se fotos. No segundo dia organizam os rapazes no bairro e as meninas vão ao praia se organizarem para o terceiro dia que é a festa colectiva. Daí a importância do mapiko para os macondes, é que o mapiko simboliza a cultura maconde, 95% dos macondes conhecem o mapiko e sabem todos os critérios de quiserem usar, porque existe um segredo que dificilmente revelam, principalmente para quem não é maconde.

O Mestre 7 e 4 revelaram que o mapiko faz parte da cultura do grupo étnico e para além disso, sentem-se confortáveis. Esta ideia é aprofundada por Loforte (1993) na reflexão que faz sobre a preservação dos valores tradicionais no meio urbano. A autora explica que o culto aos antepassados constitui uma das feições realizadas em ocasiões de alegria ou tristeza, os casamentos seguem regras pré-estabelecidas e que todo o sistema de valores, atitudes e comportamentos que integram a sociedade é transmitido de geração em geração que por meio de rituais de passagem, de forma gradativa vão difundindo-se a importância do culto aos ancestrais e isso ao rumarem para as cidades todos esses preceitos acima mencionados vão consigo.

Este subcapítulo analisou a relação entre os iniciados e o mapiko e o subcapítulo revelou que a máscara, o mapiko, os ritos de iniciação representam e fazem parte da identidade cultural dos macondes. Estes aspectos em termos interrelacionados simbolizam a identidade cultural. Assim como defende Gonçalves (2010: 338) citado por Osório (2013: 73), que a relação dos rituais com os códigos culturais dão sentido às experiências institucionalizando as vivências.

Segundo Rocha (1988), o etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. Portanto, o etnocentrismo, compõe um fenómeno não apenas fortemente arraigado na história das sociedades como também facilmente encontrável no dia-a-dia das nossas vidas (Idem).

Capítulo 5: considerações finais

Este trabalho analisou a máscara de mapiko e seu significado no bairro Militar da cidade de Maputo. Os resultados da pesquisa mostraram que a máscara mapiko foi mudando o seu significado ao longo dos tempos. A máscara o mapiko tornou-se uma representação ou uma encenação para o grupo étnico maconde, com a finalidade de alegrar os festivais, cerimónias de ritos de iniciação e algumas comemorações.

A máscara passou a ser a própria identidade ou a percepção que se tem de si mesmo. A posição da máscara serve para quem passa pelos ritos de iniciação, mas nem todos usam a máscara tida como “original” feita pelo grupo étnico maconde, porque segundo as práticas culturais maconde, as pessoas que não fazem parte da etnia maconde não devem usar a máscara feita por eles, pois existem máscaras semelhantes feitas com material diferente.

As mulheres não são permitidas de usar as máscaras mapiko, porque não suportariam com o peso da mesma, mas também relata-se que há questões culturais que não podem ser reveladas sobre a proibição do uso de máscara mapiko pelas mulheres.

Este é um trabalho exploratório que contribui para perceber alguns aspectos sobre o uso da máscara mapiko no bairro militar da cidade de Maputo, mas pode servir de base para estudos mais aprofundados sobre o tema ou outros relacionados.

Referência bibliográfica

Burger, Laura Fernanda. 1998. *Máscaras da Memória: Estudos em torno da obra de Agustina*. Porto: Guimarães.

Dias, Jorge & Dias, Margot. 1970. *Os Macondes de Moçambique*. Lisboa. Bertrand Irmãos, Lda.

Dacosta, Fernando. 1997. *Máscaras de Salazar*. Lisboa: Campo das Letras.

Dos Santos, Vasco Mendes. 2020. *Máscara: Um estudo visual sobre a expressão facial por trás da máscara de saúde*. [Mestrado em Design Gráfico]. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria/ Escola Superior de Artes e Design.

Duncan, Isadora. 1996. *Isadora: Fragmentos Autobiográficos*. Porto Alegre: L e PM

Flick, Uwe. 2009. *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

Godinho, Paulo. 2011. *Máscaras, mistérios e segredos*. Lisboa. Colibri.

Garaudy, Roger. 1980. *Dançar a Vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Israel, Presfaz. 2014. Mapiko masquerades of Mozambique: in step with the time. P.329 Roseiro, A. 2013. Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde. Coimbra:

Lopes, M. 2015. Um olhar sobre as máscaras de mapiko: apropriação técnica, simbólica e criativa da máscara. VII Reunião Científica da Abrace realizada de 27 a 29 de Outubro de 2013. UFMG: Belo Horizonte.

Lopes, M. 2019. O mapiko de Moçambique: variações e transformações. *Brazilian Journal of Development*, 5(12): 32155- 32164.

Lopes, Mariana Conde Rhormens. 2016. *Mapiko: Identidade Maconde*. São Paulo: Unicamp.

Laranjeira, L. 2016. Mashinamuna uhuru: conexões entre a produção de arte maconde e a história política de Moçambique. São Paulo.

Laranjeira, M. 2013. Os maconde em Maputo: interações históricas entre arte, cultura e política.

Melo, Carlos de Gouveia. 2011. *Prolixidade do Funcionamento de Máscara*. [Doutoramento de Estudos de Teatro]. Lisboa: UL/FL.

- Willis, Paul & Trondman, Mats. 2002. Manifesto for Ethnography. *Ethnography*, 1(1): 5-16.
- Canevacci, M. 1990. *Antropologia da comunicação visual*. São Paulo: Brasiliense.
- Ciampa, A. C. 1984. Identidade. In: Codo, W. e Lane, S.T.M. et al., (Org.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Faitanin, Paulo. 2006. Pessoa: a essência e a máscara! *Aquinate*, (3): 338-346.
- Gama, M. G. 2005. *A fabricação da Imagem Social da Empresa*. São Paulo: Atlas.
- Grant, Walkiria Helena. 1998. A mascarada e a feminilidade. *Psicologia USP [online]*. 9(2):249-260 [Acessado 25 Novembro 2022]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65641998000200010>>.
- Kurtz, Winston. 2014. *Monstro-máscaras videográficas: vontade de potência na lei do eterno retorna*. [Mestrado em Artes Cênicas] São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/ Universidade de São Paulo.
- Riviere, Joan. 2005. A feminilidade como máscara. *Psychê*. IX(16): 13-24
- Vieira, Lindaura; Lopes, Fernando José & De Souza, Monica Maria Martins. 2016. Máscaras Sociais: Uma Reflexão Sobre Os Recursos Que O Indivíduo Utiliza Para Proteger Sua Identidade No Contexto Organizacional. *Augusto Guzzo Revista Acadêmica*, (17): 283-299.
- Wladimir Wagner Rodrigues. S/d. curso história da arte módulo i – idade antiga ao renascimento as origens das tradições estéticas. 10º Encontro Panorama das artes na África e Oceania. Disponível em: wrodrigu@trf3.jus.br (Acesso em: 22 de Julho de 2022).
- Bevilacqua, Juliana. 2018. *Africana: o diálogo das formas*. Maranhão: Centro Cultural Vale Maranhão.
- Mourão, Fernando Augusto Albuquerque. 1996. Múltiplas Faces da Identidade Africana. *África*, 19 (1): 5-21.
- Bortolot, Alexander. *A Language for Change: Creativity and Power in Mozambican Makonde Masked Performance, circa 1900-2004*. 2007. [Doutoramento em Ciências Sociais]. Columbia: Columbia University.

Dias, Jorge. 1964. *Os Macondes de Moçambique III Vida Social e Ritual*. Lisboa: Bertrand.

Ferreira, Rita. 1975. *Povos de Moçambique: história e cultura*. Porto: Afrontamento.

Rodrigues, Adriano Duarte. 1997. *Tradição e modernidade*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Zamperetti, M. P. 2010. A Arte e o Saber de si no uso pedagógico das máscaras: práticas e pesquisa na sala de aula. *Revista Contrapontos Eletrônica*, 10 (1): 65-73.